

Os bancos relutantes

GAZETA MERCANTIL

por Paul Taylor
do Financial Times

Os principais bancos de Nova York buscavam, na terça-feira, apoio para o novo "pacote" de crédito ao Brasil, de US\$ 6,5 bilhões, durante a reunião anual da American Bankers Association (ABA), realizada no Havaí, apesar de inúmeros pequenos bancos norte-americanos terem expressado, em caráter privado, inquietação sobre os contínuos empréstimos a alguns países em desenvolvimento em dificuldades financeiras.

Como parte da "campanha de vendas" desenvolvida pelos grandes bancos dos Estados Unidos, conhecidos como "money centers", uma delegação de banqueiros e funcionários do governo brasileiro, liderada por Affonso Celso Pastore, teve uma reunião, terça de manhã, com representantes de centenas de bancos norte-americanos de pequeno porte que

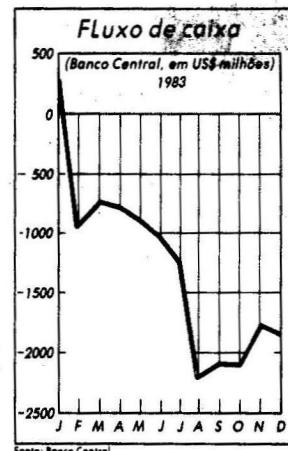
participaram do encontro da ABA.

A reunião especial, marcada pelo Manufacturers Hanover e pelo Chase Manhattan, foi qualificada de "um encontro de informação", no qual o Brasil explicou os motivos de seu mais recente pedido de empréstimo aos bancos comerciais, de US\$ 6,5 bilhões, discutido durante a reunião anual do FMI.

(No encontro, que durou 90 minutos a portas fechadas, Pastore disse que a dívida externa brasileira deve atingir US\$ 100 bilhões no final do próximo ano, e reiterou a necessidade de obter US\$ 9 bilhões em novos empréstimos. Ao comentar a reação ao plano de conceder mais créditos ao Brasil e ampliar o prazo de carência e de pagamento e reduzir as taxas, William Butcher, "chairman" do Chase Manhattan, disse que, embora nem todos os banqueiros o aprovem, "o colocarão em vigor".

Credito Sxt

13 OUT 1983



Jack Davis, o vice-presidente do pequeno United Bank, do Arizona, disse que "há muitas perguntas que terão de ser respondidas. Mas eu diria que é provável que aceitemos o plano".

Funcionários do Chase Manhattan declararam que a reunião tinha um caráter essencialmente "informativo", embora esteja sendo observada como um importante teste sobre a atitude dos bancos norte-americanos em relação ao último "pacote" de empréstimos ao Brasil.

As instituições bancárias dos Estados Unidos emprestaram ao Brasil cerca de US\$ 60 bilhões, mas a reunião da ABA continua centralizada na dissensão entre os bancos norte-americanos de grande e pequeno portes com respeito à questão dos créditos internacionais.

Mas, mesmo antes da reunião, estava claro que muitos dos bancos regionais e de pequeno porte dos EUA tendiam a concordar com o último "pacote" por considerarem que não tinham nenhuma outra alternativa. E, apesar dos pronunciamentos de importan-

tes membros do setor financeiro, incluindo o presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, enfatizando a necessidade do prosseguimento dos empréstimos internacionais, muitos banqueiros admitiram, em particular, que prefeririam suspender os créditos — se pudessem.

(Ver página 14)

O Fundo Monetário Internacional (FMI) suspendeu efetivamente a concessão de novos empréstimos à Argentina porque o país não cumpriu as metas combinadas sobre o nível da inflação. A Argentina deveria reduzir a taxa de inflação para 160% ao ano, mas, segundo os dados oficiais argentinos, a inflação dos últimos doze meses vem atingindo 400%.

O congelamento dos empréstimos não deverá causar grande impacto imediato sobre a capacidade argentina de pagar suas contas mas compromete as reservas.